

## O “Cara” do Mundo e a Cara do Brasil

Dionísio Dias Carneiro

Economista, diretor da Galanto Consultoria e do IEPE/CdG

9 de abril de 2009

A reunião do G-20 superou as expectativas. Boas notícias fecharam o primeiro trimestre deste complicado 2009. Os investidores precisam disso, para que o pessimismo não agrave a depressão mundial. Assim, é bem-vinda a confirmação de que os governos estão dispostos a agir em conjunto e não medirão esforços para estimular as respectivas economias, via políticas monetárias e fiscais, e esconjurar defesas protecionistas. Em boa hora, foram reforçados o poder financeiro e o papel institucional do FMI como instrumento para evitar que defesas diante das necessidades de financiamento externo dos países emergentes atingidos pela crise venham a agravar a crise. Um bônus que não deve ser desprezado: o nosso presidente, na linguagem de Obama, é “o cara”, e na linguagem dos mercados, nossa “cara” saiu muito bem na foto.

A recuperação dos preços de vários ativos financeiros arriscados na economia global tem sido interpretada como um sinal de que os mercados antecipam o fim do túnel para mais breve do que os economistas, perdidos que estamos no dimensionamento e na duração desta catástrofe econômica da nossa geração. O Risco Brasil caiu 10,5% até dia 8 e o Ibovespa subiu 18% neste ano.

Até que ponto os países emergentes podem sofrer menos do que as economias maduras, onde de fato a crise eclodiu, se instalou e ainda se desdobra em fatos cuja progressão negativa não parecem se haver esgotado? A ação pronta dos líderes do G-20 foi motivada pelos riscos de que a crise mexicana e a exposição dos países da Zona do Euro à fragilidade dos balanços de pagamentos da Europa do Leste e do Sudeste se transformem em fatores de agravamento da crise global. Conseguirão?

Em comparação com as economias emergentes, como ficará o Brasil? Do ponto de vista do quadro macroeconômico de curto prazo, Brasil e China estão comparativamente mais fortes, se considerarmos a inflação, o grau de alavancagem e de liquidez das empresas, a trajetória de endividamento interno e o balanço de pagamentos. A China não pode salvar o mundo, mas pode agravar a crise. O Brasil tem vantagens estruturais importantes para uma economia menos capaz de ameaçar o mundo, como estrutura legal mais consolidada, diversificação das exportações e estabilidade das relações comerciais em geral, flexibilidade cambial, credibilidade do Banco Central, os instrumentos de defesa do nível de renda dos mais pobres e projetos de investimento em infraestrutura, modernização urbana e construção habitacional que fazem sentido.

Não foi apenas por causa dos seus dons inequívocos de grande comunicador, capaz de conciliar a espontaneidade com a disciplina humilde e de encorajar a sensação de intimidade em seus pares, que o Presidente Lula foi a estrela emergente do encontro do G-20. Qualificou-se como interlocutor responsável entre os americanos e os anti-americanos porque cuidou de não se apresentar nem como simples porta-voz dos terceiro mundistas, como gostariam alguns de seus conselheiros de confiança e os companheiros do continente, nem como pregador das políticas macroeconômicas que os seus vizinhos fracassados, aliados petistas e até adversários, dentre os potenciais candidatos, não se cansam de desqualificar como “neoliberais”. Mas também porque o

desempenho da economia brasileira inspira confiança, quando confrontado com o de nossos concorrentes.

Até agora, sofremos menos com a crise em termos de produção industrial, inflação e mesmo da deterioração do balanço de pagamentos e variáveis fiscais nos doze meses até fevereiro. Há razões para esperar que soframos menos, segundo as projeções para 2009. Temos instrumentos para a defesa da produção e da renda dos mais pobres, seja pela sustentação do crédito e da queda dos juros, seja pelos cortes de impostos e aumento dos investimentos e defesa do consumo das famílias, sem abusar dos venenos que rondam o mundo desenvolvido: maior alavancagem financeira, dívida pública explosiva e menor transparência dos balanços dos bancos, que provocam o receio de que os remédios para aliviar a conjuntura agravem os problemas estruturais nas economias maduras e fomentem a irresponsabilidade nas economias emergentes.

Por maior que seja a irritação dos adversários diante do sucesso de Lula, seu conservadorismo prevaleceu quando resistiu à manipulação cambial, às pressões para desmoralizar o Banco Central, explodir os gastos e desmontar tudo o “que aí estava” quando tomou posse. Por isso merece o crédito pelo respeito conquistado hoje. Para sofrer menos com a devastação econômica mundial, o Presidente não precisa, pois, seguir os conselhos dos que tanto erraram no passado e continuam a empurrá-lo para a irresponsabilidade.